

# MADONNA E O RIO GRANDE DO SUL

07/05/24

Rodrigo Alencar

De um lado, 1,6 milhão de pessoas na praia de Copacabana, à espera do *show* da Madonna. De outro, vários municípios gaúchos debaixo d'água, golpeados em cheio pela inundação do lago Guaíba, que subira mais de cinco metros. Sim, um contraste que dividiu o país. De um lado, gritinhos, sorrisos e a euforia solta na plateia. Do outro, a longa espera angustiada, o choro, a dor da perda em carne viva.

Mesmo após o *show* da Madonna ser consumado, na madrugada de 5 de maio, ainda era possível sentir no ar essa dualidade abrasiva. Na Internet, não foram poucas as críticas ao megashow, uma homenagem aos quarenta anos de carreira da *popstar*. No Youtube e nas grandes redes sociais, como X e Instagram, pipocavam denúncias contra a rainha do *pop* – a denúncia de que ela fizera gestos obscenos no palco, de que ela tinha afrontado a religião, que ela flertara com o ocultismo, etc. A cantora americana não escapou sequer às críticas das maiores blogueiras de moda do país, como Camila Coutinho e Lala Rudge, nem às acusações de políticos como Gustavo Gayer, ou do pastor Silas Malafaia, que usou as palavras “safadeza” e “libertinagem” pra descer o sarrafo no *show* da Madonna.

Também havia as falas comparando a festa de Copacabana com o desastre do Rio Grande do Sul. Pra esses críticos, era insuportável, mesmo indecente, receber de coração aberto um espetáculo daqueles, enquanto cidades inteiras, cobertas pela inundação, estavam isoladas do resto do país, sem acesso a estradas nem água potável. Porque os milhões de reais investidos naquele *show* podiam muito bem ser destinados às vítimas das enchentes. É verdade que o *show* fora patrocinado pelo Itaú, mas o governo do Rio ajudara com uma parte (nada menos que dez milhões de reais!). Pra centenas, talvez milhares de pessoas que protestam na Internet, isso não era justo.

Confesso que também fiquei indignado. Por mais que o governo do Rio de Janeiro argumentasse que essa bolada iria voltar depois para os cofres públicos, quadruplicada talvez, graças à força do comércio e do turismo, eu penso que o estado não deve se meter nessas coisas. Acho que essa aproximação entre o público e o privado é ardilosa, traiçoeira. É como juntar, no mesmo longa-metragem, Jim Carrey e Sylvester Stalone – não pode dar certo.

A verdade é que a grande festa de Copacabana acabou, sem deixar pegadas na areia da praia. Mas e a tragédia do Sul? Esta se prolonga, causando dor, sofrimento, angústia. Enquanto escrevo, pessoas adentram nas ruas alagadas pra salvar vidas: são mutirões de voluntários e equipes de bombeiros, médicos e soldados que trabalham incansavelmente, varando as noites, sem descanso, em mais de 400 cidades gaúchas.

Mais uma vez, o Brasil amanheceu pesaroso. Uma grande mortalha negra envolve todo o país, porque um dos seus estados, gravemente ferido, sangra. Esta é a hora de nós juntarmos as mãos, de nos unirmos. A Madonna já se foi, como as folhas do último outono, mas nós, os brasileiros, estamos aqui. A terra que deu à luz Mário Quintana, Oswaldo Aranha e Elis Regina, além de outros nomes que não vou citar aqui, precisa de nós, os genuínos brasileiros.